

II Seminário Internacional de Língua, Literatura e Processos Culturais

ESPAÇO | TERRITÓRIO | REGIÃO

De 19 a 22 de maio de 2014 – Caxias do Sul/RS

**Universidade de Caxias do Sul
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Centro de Ciências Humanas e da Educação
Programa de Pós-Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade
Programa de Doutorado em Letras – Associação Ampla UCS/UniRitter**

ANAIIS DO II SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE LÍNGUA, LITERATURA E PROCESSOS CULTURAIS – SILLPRO ESPAÇO, TERRITÓRIO E REGIÃO

Organização dos Anais

Bruno Misturini – UCS

Larissa Rizzon da Silva – UCS

II Seminário Internacional de Língua, Literatura e Processos Culturais

ESPAÇO | TERRITÓRIO | REGIÃO

De 19 a 22 de maio de 2014 – Caxias do Sul/RS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Universidade de Caxias do Sul UCS - BICE - Processamento Técnico

S471a Seminário Internacional de Língua, Literatura e Processos Culturais (2. :
2014 maio 19-22 : Caxias do Sul, RS)
Anais do II Seminário Internacional de Língua, Literatura e Processos
Culturais – SILLPRO : espaço, território e região, 19 a 22 de maio de 2014
/ org. Bruno Misturini, Larissa Rizzon da Silva. - Caxias do Sul, RS : UCS,
2014.
40 f. : il. ; xx cm

Apresenta bibliografia.
ISSN 2237.4361

1. Língua - Literatura. 2. Cultura. I. Misturini, Bruno. II. Título.

CDU 2.ed.:81'1

Índice para o catálogo sistemático:

1. Língua – Literatura	81'1
2. Cultura	008

Catalogação na fonte elaborada pela bibliotecária
Carolina Machado Quadros – CRB 10/2236.

II Seminário Internacional de Língua, Literatura e Processos Culturais

ESPAÇO | TERRITÓRIO | REGIÃO

De 19 a 22 de maio de 2014 – Caxias do Sul/RS

Coordenação do II SILLPRO

Dr. Milton Hernán Bentancor - UCS

Comissão Científica do II SILLPRO

Dra. Alexandra Feldekircher Müller - Unisinos
Dra. Alicia L. Sisca - USAL
Dra. Ana Benda - USAL
Dra. Beatriz Curia - USAL
Dra. Beatriz Viégas-Faria - UFPel
Dra. Cristina Loff Knapp - UCS
Dr. Elias Torres Feijó - Universidad de Santiago de Compostela
Dr. Fernando Aranda Fraga - UAP
Dra. Giselle Olívia Mantovani Dal Corno - UCS
Dra. João Cláudio Arendt - UCS
Dra. Karina de Castilhos Lucena - UFRGS
Dra. Lisana Teresinha Bertussi - UCS
Dr. Márcio Miranda Alves - UCS
Dra. Marcela Crespo - USAL
Dra. Olga Fernández Latour de Botas - USAL
Dr. Rafael José dos Santos - UCS
Dra. Rejane Pivetta de Oliveira - UniRitter
Dra. Vera Wannmacher Pereira - PUC/RS
Dr. Víctor Armenteros - UAP

Comissão de Apoio do II SILLPRO

Ms. Aline Brustulin Cecchin - UCS
Ms. Aline Gambin - UCS
Ms. Ana Júlia Poletto - UCS/UniRitter
Ms. Bruno Misturini - UCS
Daniele Marcon - UCS
Fernanda Alliatti Masutti - UCS
Fernanda Bondam Soppelsa - UCS
Karen Gomes da Rocha - UCS
Ms. Kleber Eckert - UCS/UniRitter
Larissa Rizzon da Silva - UCS (Secretária do Evento)
Ms. Lovani Volmer - UCS/UniRitter
Ms. Mariana Duarte - UCS/UniRitter
Ms. Odair José Silva dos Santos – UCS

II Seminário Internacional de Língua, Literatura e Processos Culturais

ESPAÇO | TERRITÓRIO | REGIÃO

De 19 a 22 de maio de 2014 – Caxias do Sul/RS

Realizadores do II SILLPRO

Programa de Pós-Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade – UCS

Programa de Doutorado em Letras – Associação Ampla UCS/UniRitter

Apoiadores do II SILLPRO

Curso de Graduação em Letras - UCS

Escuela de Letras de la Facultad de Filosofía, Historia y Letras - USAL

Instituto de Letras do Departamento de Línguas Modernas - Setor Espanhol – UFRGS

Facultad de Humanidades, Educación y Ciencias Sociales – UAP

SUMÁRIO

A INDUMENTÁRIA DA MULHER TROPEIRA: UM ESTUDO LEXICAL	06
<hr/>	
“AMBOS QUAIS?”: O SENTIDO HISTÓRICO DA INDECISÃO DE FLORA EM <i>ESAÚ E JACÓ</i>	14
<hr/>	
DE QUE MODO SE MANIFESTAM ASPECTOS PEDAGÓGICOS E ASPECTOS LITERÁRIOS NAS OBRAS DO ACERVO LITERÁRIO DO PACTO NACIONAL PELA ALFABETIZAÇÃO NA IDADE CERTA (PNAIC)?	20
<hr/>	
INTERCULTURALIDADE EM FOCO NA OBRA DE KAKÁ WERÁ JECUPÉ: AS FABULOSAS FÁBULAS DE IAUARETÊ	25
<hr/>	
REPRESENTAÇÕES DO SUJEITO FEMININO EM MULHERES DE OLHOS GRANDES	35

A INDUMENTÁRIA DA MULHER TROPEIRA: UM ESTUDO LEXICAL

Cristina Benedetti – UCS

Resumo: Desde a grande demanda por transporte de carga resultante da atividade da mineração nas Minas Gerais, em meados de 1700, alguns bravos homens levavam tropas de mulas xucas do Rio Grande do Sul para serem vendidas no centro do país, o que resultou na grande Feira de Sorocaba. Enquanto os homens realizavam longas e desgastantes viagens a serviço do tropeirismo, a figura feminina ficava encarregada da religiosidade, da maternidade, da dedicação à família e da administração do lar. Com o término da feira em 1897, a atividade tropeira continuou nos Campos de Cima da Serra, no que Santos (1995) convencionou chamar de “Tropeirismo Doméstico”. Nessa nova fase do tropeirismo, encontramos algumas mulheres, com mentalidade à frente de seu tempo, que se aventuraram a viver como tropeiras, sendo algumas por necessidade, outras por opção. Nesses casos, o vestuário habitual das mulheres da época não ajudava na realização do trabalho tropeiro. A partir da necessidade de uma indumentária apropriada para suas novas atividades, as mulheres tropeiras abandonaram as “largas saias rodadas”. Este trabalho procura investigar, através dos relatos escritos sobre as tropeiras Amélia Hoffmann e Isabel Pinheiro, os elementos lexicais relacionados à indumentária da mulher tropeira nos Campos de Cima da Serra.

Palavras-chave: Tropeirismo – Mulher tropeira – Indumentária feminina

Abstract: Since the great demand for freight transport resulting from mining activity in Minas Gerais in the middle of 1700, some brave men carried drove packs of wild mules from Rio Grande do Sul to be sold in the center of the country, which resulted in the great Fair called Sorocaba. While the men took long and exhausting trips as drivers of mules, the female characters were responsible of religiosity, motherhood, dedication to family and household management. With the end of the fair in 1897, the activity of the muleteers continued in the Campos de Cima da Serra, which Santos (1995), conventionally called "Domestic muleteering". In this new phase of the activity we find some women with mentality ahead of his time, who have ventured to live as muleteers, some by necessity, others by choice. In such cases, the usual attire of women of that time did not help in making the work of a muleteer. From the necessity for appropriate clothing for their new activities as muleteers women had to abandon their "wide ruffled skirts." This paper investigates, through the writings about female muleteers Amelia Hoffmann and Isabel Pinheiro reports, the lexical elements related to the attire of the muleteer women in Campos de Cima da Serra.

Key words: Muleteers – Female muleteer – Female attire

Introdução

Durante pesquisas realizadas no projeto “Léxico e Identidade Regional nas Comunidades da Antiga Rota dos Tropeiros” é muito comum que sejam encontrados relatos relacionados à rotina vivida pelos tropeiros durante suas longas jornadas. Por meio dessas investigações, encontram-se fatos histórico-culturais que, possivelmente, nos deem uma ideia mais abrangente do que foi o fenômeno econômico-social chamado Tropeirismo.

Para Dal Corno e Santos (2014),

[...] os tropeiros podem ser considerados um grupo social, já que, em função da constância do ofício, compartilharam hábitos, atividades, rotinas, vestimentas e culinária típicas, além de enraizarem no imaginário social mitos, histórias e ditos que representam sua história e visões de mundo. (DAL CORNO; SANTOS, 2014, p. 110)

O que dificilmente se encontram são histórias de mulheres que também passaram suas vidas desenvolvendo as atividades tropeiras, pois, durante quase todo o período pelo qual esse fenômeno se estendeu, a necessidade da presença feminina era em torno do cuidado do lar, enquanto os homens eram responsáveis pelo sustento da família.

O presente trabalho, inserido no projeto “Léxico e Identidade Regional nas Comunidades da Antiga Rota dos Tropeiros – Módulo II: ANA RECH E VILA SECA”, procura investigar elementos lexicais que estejam relacionados à indumentária da mulher tropeira nos Campos de Cima da Serra, propondo uma categorização em campos léxicos dos resultados obtidos, a partir de *corpus* textual especialmente constituído.

1. O Tropeirismo

Em meados do século XIX houve uma grande demanda por transporte de carga devido às atividades de mineração nas Minas Gerais. Alguns homens então passaram a transportar muares (mulas xucras) para comercialização. Dal Corno e Santos (2014, p. 108-109) explicam que a “condução de tropas de mulas xucras do Rio Grande do Sul para servir as minas de ouro nas Minas Gerais transformou a atividade em ofício. Tal era a importância desse mercado que chegou a se instalar uma feira de muares em Sorocaba”.

II Seminário Internacional de Língua, Literatura e Processos Culturais

ESPAÇO | TERRITÓRIO | REGIÃO

De 19 a 22 de maio de 2014 – Caxias do Sul/RS

Com o término da feira em Sorocaba, o Tropeirismo continuou em diferentes lugares do Brasil. Nos Campos de Cima da Serra passou a ser chamado de “Tropeirismo Doméstico”, conforme Santos (1995), em que os muares passam de mercadoria a ser vendida para transportar os mais diversos produtos comercializados na época.

Durante as jornadas realizadas, os tropeiros enfrentavam toda sorte de intempéries pelo caminho, a começar pelos trajetos longos e difíceis, cheios de relevos sinuosos e pedregosos, o que tornava a viagem perigosa e desgastante. Estavam expostos também ao clima, ora frio e chuva, ora sol e calor, além das doenças que tais oscilações podiam causar. Enfrentavam a falta de um teto para pouso, o que por algumas vezes fazia com que as noites fossem passadas debaixo de árvores ou, quando muito, em galpões cedidos para o repouso da tropa. Conforme Oliveira (2012, p. 200), os trajetos variavam de 50 quilômetros nas jornadas menos distantes até 300 quilômetros nos percursos mais longos, sendo percorridos, em média, “de 20 a 22 quilômetros por dia, com uma parada para pouso a cada 10 quilômetros”. Oliveira (2012) diz ainda que

Nos primeiros anos, os pousos eram ao relento, debaixo de uma árvore [...]. Mais tarde, com o aumento das tropas cargueiras, o governo começou a instalar pousos para tropeiros, constituído de ranchos abertos e cobertos de sapé, que ofereciam alguma proteção aos peões e à carga [...]. (OLIVEIRA, 2012, p. 200)

De qualquer maneira, torna-se difícil cogitar a ideia de uma figura feminina abandonar seu posto de “cuidadora” do lar para, corajosamente, enfrentar todos os desafios que demandavam de uma jornada tropeira. A seguir, explicam-se as histórias de duas mulheres que resolveram abandonar as “largas saias rodadas” para bravamente assumir os postos denominados masculinos e se tornarem tropeiras.

1.1 O papel da mulher no tropeirismo X a mulher tropeira

Enquanto o marido, no papel de provedor do lar, se mantinha afastado do convívio familiar durante longos períodos de tempo em função da realização das atividades tropeiras, o papel da mulher em sua grande maioria era o de responsável por “manter a harmonia do lar”, conforme Maicá (2012). Naquela época, as mulheres solteiras eram orientadas e preparadas para uma vida em prol do casamento. As mulheres de mais idade aconselhavam e ensinavam as mais jovens a serem submissas aos seus maridos, através de conversas (que por sua vez eram poucas) e dos exemplos vivenciados em casa. Segundo Maicá (2012)

II Seminário Internacional de Língua, Literatura e Processos Culturais

ESPAÇO | TERRITÓRIO | REGIÃO

De 19 a 22 de maio de 2014 – Caxias do Sul/RS

Por longos anos a mulher manteve-se ligada exclusivamente à vida do lar e aí criou e educou sua prole, transferindo a ela a formação recebida. Foi o baluarte de um ciclo mais tranquilo, em relação aos vícios que hoje atormentam os lares, porém não menos fácil. Entre outras dificuldades, o ermo das distâncias e a solidão tinham que ser vencidas cada dia. Eram fortes na esperança e faziam do lar o seu reino. (MAICÁ, 2012, p. 489-490)

Após o término da feira de Sorocaba em 1897, a atividade tropeira nos Campos de Cima da Serra teve continuidade e chamou-se, segundo Santos (1995), de Tropeirismo Doméstico. Já durante essa nova fase do tropeirismo, algumas mulheres com mentalidade à frente de seu tempo se aventuraram a viver como tropeiras, sendo algumas por necessidade, outras por opção. Muitas vezes essa escolha lhes traziam mais dificuldades do que alegrias, mas era uma maneira de se desvencilhar da vida do lar.

Quando surgia para poucas mulheres a rara oportunidade de escolha, algumas decidiam seguir a vida “tropeando”, mesmo sabendo de tudo que lhes esperava, mas era uma das poucas chances que a vida lhes concederia de serem livres da configuração tradicional do casamento. Para outras, a vida impusera a lida tropeira como forma de suprir as necessidades vindas, por exemplo, de uma viuvez.

Ely (2000) diz que

Dona Benta Leontina Hoffmann [...] aprendeu, com o pai, as atividades de tropeiro, ajudando-o a levar cargueiros de cachaça, em lombo de mulas, até Canela, Gramado e São Francisco de Paula. [...] casou com Antenor Teixeira, filho de tradicional família de tropeiros [...] desde o início acompanhou o marido nas atividades que lhe eram bastante familiares. [...] quando uma grave doença acometeu o marido [...] assim ficou viúva. [...] tinha 6 filhos pequenos para criar. Deixando os demais em casa de vizinhos, em Contendas, junto com o filho mais velho, então com apenas 11 anos de idade, enfrentou a difícil situação, e com uma pequena tropa, de meia dúzia de mulas, continuou a atividade. [...] Com seu aguçado tino comercial, Benta comprava animais magros e engordava em campos arrendados na região do Josafath, tropeando-os, posteriormente, para diversos locais onde os vendia. (ELY, 2000, p. 241)

O corpus de análise deste trabalho foi constituído do texto “Mulheres tropeiras” (ELY, 2000), resultante da apresentação feita durante o SENATRO – Seminário Nacional sobre Tropeirismo, realizado em Bom Jesus – RS. Nesse texto são apresentados relatos sobre as tropeiras Benta Leontina Hoffmann (já citada acima), nascida no Josafá, RS (ano não informado), e Isabel Pinheiro, nascida em 1920 (segundo a autora, “conhecida em Terra de Areia”, RS). Sobre esta, Ely (2000) ressalta que

Isabel, desde menina, preferiu acompanhar o pai no trabalho de campo [...] enquanto dona Maria desejava prepará-la para o casamento, como todas as jovens daquela época. Isabel, entretanto, não demonstrava grandes pendores para as atividades caseiras. Em companhia

II Seminário Internacional de Língua, Literatura e Processos Culturais

ESPAÇO | TERRITÓRIO | REGIÃO

De 19 a 22 de maio de 2014 – Caxias do Sul/RS

do pai, Isabel sentia-se livre, dona do seu próprio nariz e assim direcionou toda a sua vida. Aprendeu as atividades campeiras da convivência com o pai. (ELY, 2000, p. 242)

Em ambos os casos relatados por Ely, o vestuário habitual das mulheres da época não ajudava na realização do trabalho tropeiro, havendo então a necessidade de se realizar algumas adaptações na indumentária para as mulheres tropeiras poderem trabalhar.

2. Resultados e análise das lexias relacionadas à indumentária da mulher tropeira

Durante a leitura da obra pertinente à temática aqui proposta, realizou-se um levantamento de unidades lexicais que estivessem relacionadas à indumentária da mulher tropeira nos Campos de Cima da Serra. É necessário ressaltar que o número de relatos publicados sobre mulheres tropeiras é pequeno se comparado ao número de homens, reafirmando a ideia de que esse trabalho não era comum para a figura feminina de antigamente.

Netto (2011) realizou um levantamento de lexias relacionadas à vida do tropeiro e entre elas estava também a indumentária, recorte importante para os aspectos sócio-culturais e linguísticos vinculados a uma comunidade. Para a autora, os verbetes por ela estudados “contam parte da história do Rio Grande do Sul e do tropeirismo como um fenômeno histórico-cultural brasileiro.

Sobre os modos de vestir de dona Benta, Ely (2000) relata

Benta, usando chapéu de abas largas, calça comprida ou bombacha e botas, pala, facão e um revólver "Schmitt 38" com cabo de ouro, na cintura, o que lhe valeu a alcunha de "Bentão", da qual jamais se envergonhou. Encarou a nova vida de frente e conseguiu saldar as dívidas deixadas pelo marido, criar os filhos e dizer, envaidecida, que é uma mulher tropeira que tem até filho engenheiro agrônomo. (ELY, 2000, p. 241)

A respeito da indumentária de dona Isabel, Ely (2000) se estende um pouco mais em seus relatos, enriquecendo-os com mais detalhes pertinentes ao estudo aqui realizado.

[...] na época em que as damas sentavam no selim, revestido de veludo vermelho com estribo e cabeça de prata, e estendiam a larga saia rendada por sobre a encilha, Isabel já se exercitava no tiro de laço. Imagine-se as trapalhadas que a indumentária lhe proporcionava. Com o passar do tempo foi mudando os hábitos. Abandonou as saias rodadas e passou a usar uma indumentária mais apropriada para as atividades de mulher tropeira. De botas com esporas de prata, bombachas, lenço de seda ao pescoço, chapéu aba larga de feltro com barbicacho, dois flamantes revólveres "Schmitt calibre 38" na cintura, caso o primeiro falhasse teria o sobressalente, pala de seda e capa Ideal na garupa além de um bem trançado laço nos tentos, montada num belo cavalo zaino [...]. Isabel era muito exigente na confecção das suas roupas, para as quais escolhia entre os melhores alfaiates e só usava trajes chamados “femininos”, em ocasiões especiais e quando visitava o seu médico, em Osório. (ELY, 2000, p. 242)

II Seminário Internacional de Língua, Literatura e Processos Culturais

ESPAÇO | TERRITÓRIO | REGIÃO

De 19 a 22 de maio de 2014 – Caxias do Sul/RS

Ao realizar a análise dos trechos acima, foram levantadas 11 lexias diretamente relacionadas ao macrocampo INDUMENTÁRIA. Em seguida, identificamos os microcampos nomeados VESTUÁRIO e ACESSÓRIOS. Por fim, classificaram-se as unidades lexicais levantadas, levando em consideração os padrões de utilização prática, como se vê a seguir.

INDUMENTÁRIA (macrocampo)				
VESTUÁRIO (microcampo)		ACESSÓRIOS (microcampo)		
VESTIMENTA	CALÇADO	DEFESA PESSOAL	INSTRUMENTO DE TRABALHO	ADEREÇOS
<ul style="list-style-type: none"> – PALA – BOMBACHA – CALÇA COMPRIDA 	<ul style="list-style-type: none"> – BOTA 	<ul style="list-style-type: none"> – REVÓVER SCHIMITT CALIBRE 38 – FACÃO 	<ul style="list-style-type: none"> – ESPORA – CAPA DE GARUPA – LAÇO – FACÃO 	<ul style="list-style-type: none"> – CHAPÉU – BARBICACHO

Conforme o esquema representado supraexposto, é possível perceber que cada microcampo apresentado está relacionado unicamente às necessidades das quais os tropeiros demandavam, tais como vestimentas e calçados, bem como acessórios para defesa pessoal, instrumentos de trabalho e adereços, todos apresentando certo grau de utilização e importância para a realização do tropeirismo.

No microcampo VESTUÁRIO encontram-se três tipos de vestimenta e um tipo de calçado, representados pelas unidades lexicais *pala*, *bombacha*, *calça comprida* e *bota*. Com as oscilações de clima durante todo o período de viagem, a necessidade de se estar bem agasalhado era imperiosa; quando enfrentavam o frio, precisavam estar bem aquecidos, e, quando havia sol forte, precisavam de roupas e calçados que lhes cobrissem a pele. A *bombacha*, a *calça comprida* e a *bota* auxiliavam também nos momentos de trabalho, em que, além de serem confortáveis para tal, serviam de proteção contra picadas de insetos e animais, bem como de possíveis raspões e arranhões. O *pala*, por sua vez, servia de proteção contra o frio e também de aconchego nos momentos de repouso.

No microcampo ACESSÓRIOS observam-se os instrumentos de defesa pessoal, de trabalho e os adereços utilizados pelas mulheres tropeiras, que são respectivamente representados pelas

II Seminário Internacional de Língua, Literatura e Processos Culturais

ESPAÇO | TERRITÓRIO | REGIÃO

De 19 a 22 de maio de 2014 – Caxias do Sul/RS

lexias *revólver Schimitt calibre 38, facção, espora, capa de garupa, laço, facção, chapéu e barbicacho*. Muitos eram os perigos encontrados pelo caminho, desde animais até intrigas entre os próprios companheiros de estrada. Desta forma, se fazia necessário que todas tivessem como se proteger, uma vez que o fato de ser “livres” também significava que estavam desamparadas de cuidados, dependiam de si mesmas. Para proteção pessoal, quando necessário, faziam uso de armas de fogo e facções. Para a lida tropeira diária, alguns instrumentos de trabalho eram básicos e não podiam faltar, como a *espora*, roseta utilizada para incitar os animais de montaria (muare e cavalares) para que peguem trote, a *capa de garupa* que protege as pernas do cavaleiro do contato direto com o pêlo do animal, o *laço*, corda trançada de tiras de couro cru que serve como arma de apreensão de animais, e o *facção*, espécie de adaga que serve para briga e para o trabalho no mato. Estavam presentes também como adereços o *chapéu* e o *barbicacho* que, mesmo sendo aparentemente meros coadjuvantes dessa história, são de extrema importância para proteger a cabeça do sol e da chuva. O *barbicacho* auxilia para manter firme o chapéu na cabeça.

3. Considerações finais

Ao considerar a realidade da mulher tropeira dos Campos de Cima da Serra, através dos relatos sobre dona Benta e dona Isabel analisados, pode-se perceber as necessidades por elas enfrentadas, apenas observando sua indumentária. Através das mudanças culturais que precisaram fazer e corajosamente enfrentar em prol do tropeirismo e relacionadas às vestimentas e costumes tradicionais da época, percebe-se como esses aspectos podem influenciar uma cultura. Nesse caso específico, pôde auxiliar as mulheres a transformarem seus destinos, a começar pela maneira de se vestir.

As tropeiras sobre as quais versam os relatos analisados adaptaram o vestuário masculino já existente para uso próprio, uma vez que se dispuseram a desempenhar as mesmas atividades que os homens tropeiros. Em função disso é que podem ser verificadas várias das unidades lexicais já levantadas em Netto (2011) como também representativas da indumentária da mulher tropeira.

Observa-se, assim, que o estudo de aspectos lexicais é um importante modo de se conhecer e compreender fatos de uma determinada cultura.

II Seminário Internacional de Língua, Literatura e Processos Culturais

ESPAÇO | TERRITÓRIO | REGIÃO

De 19 a 22 de maio de 2014 – Caxias do Sul/RS

Referências

BOSSLE, Batista. **Dicionário gaúcho-brasileiro**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2003.

DAL CORNO, Giselle O. M.; SANTOS, Odair J. S. dos. Expressões idiomáticas e a relação entre língua, história e cultura: o tropeirismo em ditos populares. In: ISQUERDO, Aparecida N.; DAL CORNO, Giselle O. M. (Orgs.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. v. VII. Campo Grande: Ed. UFMS, 2014.

ELY, Nilza. A mulher tropeira. In: RODRIGUES, Elusa M. S; MADEIRA, Jussara L.; SANTOS, Lucila M. Sgarbi; BARROSO, Vera L. Maciel (Orgs.). **Bom Jesus e o tropeirismo no Cone Sul**. Porto Alegre: EST, 2000.

MAICÁ, Cecília de O. O tropeirismo e o papel da mulher. In: BARROSO, Vera L. M.; SANTOS, Lucila M. S.; VELHO, Adenair P.; MADEIRA, Jussara L.; LEMOS, Maristela L. de. (Orgs.). **Bom Jesus e o desenvolvimento do tropeirismo nos caminhos do Cone Sul**. Porto Alegre: Corag, 2012.

NETO, Barbara Lawrenz. **Indumentária do tropeiro: análise do campo lexical com base em corpus linguístico**. XIX Encontro de Jovens Pesquisadores da UCS: caderno de resumos. Disponível em: http://www.ucs.br/site/midia/arquivos/Resumo_Barbara_Lawrenz_Netto.pdf. Acesso em: 13 maio 2014.

OLIVEIRA, Alberto Juvenal de. **Dicionário gaúcho: termos, expressões, adágios, ditados e outras barbaridades** Porto Alegre: AGE, 2010.

OLIVEIRA, Sérgio C. de. Tropas de mulas xucras e cargueiras. In: BARROSO, Vera L. M.; SANTOS, Lucila M. S.; VELHO, Adenair P.; MADEIRA, Jussara L.; LEMOS, Maristela L. de. (Orgs.). **Bom Jesus e o desenvolvimento do tropeirismo nos caminhos do Cone Sul**. Porto Alegre: Corag, 2012.

SANTOS, Lucila M. S; VIANNA, Maria L. C; BARROSO, Vera L. M. (Orgs.). **Bom Jesus e o tropeirismo no Brasil Meridional**. Porto Alegre: EST, 1995.

II Seminário Internacional de Língua, Literatura e Processos Culturais

ESPAÇO | TERRITÓRIO | REGIÃO

De 19 a 22 de maio de 2014 – Caxias do Sul/RS

“AMBOS QUAIS?”:

O SENTIDO HISTÓRICO DA INDECISÃO DE FLORA EM *ESAÚ E JACÓ*Raíssa Cardoso Amaral – UFPel
Ellem Rudijane Moraes de Borba – UFPel

Dentre os romances machadianos, *Esau e Jacó* (1904) é aquele em que a história ganha maior relevo, uma vez que inclui os eventos mais significativos da segunda metade do século XIX: Abolição da Escravatura, queda da Monarquia e Proclamação da República. Desse modo, há uma coincidência entre o que acontece na História e o que ocorre na diegese literária. Entretanto, a História não é mero pano de fundo, uma vez que os eventos históricos afetam a ação e o destino das personagens.

As relações existentes entre diegese literária e fatos históricos são abordadas pelo crítico literário Roberto Schwarz ao referir-se a originalidade e força da obra machadiana, considerando as situações particulares à sociedade brasileira do século XIX:

Machado afirmava que o escritor pode ser “homem do seu tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço”. O crítico buscava assegurar aos brasileiros o direito à universalidade das matérias, por oposição ao ponto de vista “que só o espírito nacional nas obras que tratam de assunto local”. Pode-se dizer também que reivindicava o melhor do legado romântico – o sentimento de historicidade – contra a aliança em voga de pitoresco e patriotismo, que naquela altura já se revelava uma prisão para a inteligência. (Schwarz, 1990, p. 9).

Conforme as ideias de John Gledson, o enredo central de *Esau e Jacó* “parece calculado para desapontar [...] Que futuro pode haver, em termos ficcionais, para o amor de dois gêmeos idênticos pela mesma moça?” (Gledson, 1986, p. 161). Porém, como já comentado anteriormente, há considerável material histórico no romance e a nudez do enredo

força nossa atenção a se voltar tanto para seu significado alegórico (e, assim, para sua irrealidade como ficção) quanto para as possíveis razões do autor para criá-lo. [...] dentro de suas limitações, o livro ainda é uma interpretação, a interpretação de Machado, da História daqueles anos. (Gledson, 1986, p. 213).

Em *Esau e Jacó* há uma peculiaridade interessante no procedimento narrativo, pois ao abrir o livro e deparar-se com a “Advertência” o leitor descobre que há a presença de um narrador-editor, ou seja, editou o que será lido a partir dos escritos do Conselheiro Aires:

O Conselheiro, apesar de se afirmar avesso a controvérsias é sem dúvida a principal consciência da narrativa, capaz de perceber as rivalidades que envolvem os irmãos gêmeos protagonistas Pedro e Paulo; as indefinições sentimentais da mocinha Flora; a busca por

II Seminário Internacional de Língua, Literatura e Processos Culturais

ESPAÇO | TERRITÓRIO | REGIÃO

De 19 a 22 de maio de 2014 – Caxias do Sul/RS

distinção social do casal Santos e Natividade; a superficialidade dos ideais políticos do casal Batista e D. Cláudia; etc. (Salvaia; Chalhoub, s/d. p.1)

O presente trabalho pretende explorar a relação entre literatura e história na representação do feminino da personagem Flora. O triângulo amoroso formado por Pedro, Paulo e Flora já aponta para a característica primordial da personagem analisada: a indecisão por qual dos dois deve escolher. Pedro e Paulo, monarquista e republicano convictos, leem os episódios da História a partir de sua visão política e Flora é a representação da incerteza daquele período de transição.

No capítulo XXXI intitulado “Flora” lemos que o Conselheiro Aires acreditava que a moça viria a ser uma inexplicável. Três capítulos depois (capítulo XXXIV “Inexplicável”), o narrador retoma a sua definição para Flora:

Hás de lembrar-te que Flora não desapegava os olhos dele [Conselheiro Aires], ansiosa de saber por que é que a achava inexplicável. A palavra rasgava-lhe o cérebro, ferindo sem penetrar. Inexplicável que era? Que se não explica, sabia; mas que se não explica por quê? Quis perguntá-lo ao conselheiro, mas não achou ocasião e ele saiu cedo. (Assis, 1962, p. 134).

Um dos primeiros críticos sul-rio-grandenses a se dedicar ao estudo da obra machadiana foi Augusto Meyer, embora não tenha sido o primeiro, pois foi precedido pelo gaúcho Alcides Maya, que publicou o ensaio “Machado de Assis: Algumas notas sobre o *humour*”. Meyer publica a primeira edição do livro *Machado de Assis* em 1935 e no ano de 1952 publica sua segunda edição, confessando em seu prefácio que Machado de Assis o fascinava e irritava a um só tempo. Porém, Meyer afirma que permaneceu o fascínio, indicando a mudança de rumo que posteriormente seria assumida pela crítica.

Apesar do ensaio crítico sobre Machado de Assis de Augusto Meyer ter sido publicado pela primeira vez há quase oitenta anos, a leitura consegue manter sua atualidade possivelmente assegurada pelo formato de exposição adotado pelo crítico, isto é, Meyer procurou formular suas impressões através das sugestões provocadas por sua própria leitura, não se atendo a nenhum modelo específico de análise.

Ao falar na indecifrável Flora, Meyer salienta ser um excelente assunto de análise, justamente por não percorrer a via fácil dos temas e obras que frequentemente são visitados pela fortuna crítica dedicada a Machado de Assis. Para o autor, Flora pode ser descrita da seguinte forma: “Foi desenhada a esfuminho, sem caprichos demorados no traço, transparece um halo de vaguidade, mas pela posição central ganha relevo de um símbolo.” (Meyer, 2005, p. 32).

II Seminário Internacional de Língua, Literatura e Processos Culturais

ESPAÇO | TERRITÓRIO | REGIÃO

De 19 a 22 de maio de 2014 – Caxias do Sul/RS

Para o crítico citado anteriormente, a hesitação de Flora reflete diretamente o pensamento de Machado, “(...) Sua razão de ser é a dúvida que vem de uma neutralização por excesso de clarividência” (Meyer, 2005, p. 32), ou seja, a personagem com as penumbras da incerteza, desencantada e sem forças para se decidir é o mito da hesitação, pois decidida a viver na plenitude, não sabe aceitar o meio termo que a realidade oferece. A escolha entre Pedro e Paulo seria a negação de todas as qualidades inerentes ao irmão preterido, seu ideal, seria a síntese das virtudes pertencentes a cada um dos rapazes, mas querendo tudo e sem renunciar a nenhum dos gêmeos a jovem perderá tudo, em um longo suicídio e ao desejar manter intacto o sonho, acabou por matá-lo. Conforme diz Meyer

Forçando um pouco as analogias nesta penumbra favorável, é muito fácil afirmar que todo o pensamento de Machado de Assis se corporifica nessa figura de mulher chave da sua obra perversa e perfeita. (...) Como Flora, Machado não podia, não devia escolher. Escolher para ele seria diminuir-se, mutilar-se [...] (Meyer, 2005, p. 33).

Desse modo, a partir da leitura crítica de Meyer, *Esau e Jacó* consiste na oscilação e na neutralização de duas forças similares e ao mesmo tempo contrárias, pois fica claro nesta obra machadiana que escondido entre as sutilezas está o temor das contradições humanas.

A leitura geral que *Esau e Jacó* nos deixa é a de que o indivíduo prepondera sobre as questões políticas. Nesse sentido, a passagem da obra sobre a Confeitaria do Custódio é o melhor exemplo: com a queda da Monarquia, a tabuleta “Confeitaria do Império” já não estava mais de acordo com a realidade brasileira, por isso ela passa por uma reformulação e, após uma conversa com o conselheiro Aires, o dono da confeitaria opta por colocar na tabuleta nova seu próprio nome e agradar a todos os clientes, simpatizantes dos dois modelos de governo. Cabe ressaltar que

Esau e Jacó permite fecundos desdobramentos de análise, graças à proporção em que se situam a intriga amorosa, as referências especulativas sobre acontecimentos históricos e as interferências do narrador para discutir o próprio ritmo narrativo. (Betella, 2007, p. 88).

Em *Esquema de Machado de Assis*, Candido denomina como “personagem-chave” a posição de Flora, pois ao amar os dois irmãos, ela não consegue realizar uma opção e realizar-se amorosamente com apenas um. Flora representa, no romance, a posição de idealismo, e sua morte nos sugere que um estado ideal não poderá ser mantido. Além disso, segundo Antonio Candido

É a ela [Flora], como as outras mulheres na obra de Machado de Assis, que cabe encarnar a decisão ética, o compromisso do ser no ato que não volta atrás, porque uma vez praticado define e obriga o ser de quem o praticou [...] Simbolicamente, Flora morre sem escolher. (Candido, 1977, p. 31).

II Seminário Internacional de Língua, Literatura e Processos Culturais

ESPAÇO | TERRITÓRIO | REGIÃO

De 19 a 22 de maio de 2014 – Caxias do Sul/RS

Já que o foco é a personagem Flora, cabe ressaltar que o narrador, impaciente com a indecisão da moça, chega basicamente a “implorar” uma atitude, pois sustentar aquela posição de querer os dois ao mesmo tempo parece impossível:

Anda, Flora, ajuda-me, citando alguma coisa, verso ou prosa, que exprima a tua situação. Cita Goethe, amiga minha, cita um verso do Fausto, adequado: *Ai, duas almas no meu seio moram!* A mãe dos gêmeos, a bela Natividade, podia havê-lo citado também, antes deles nascerem, quando ela os sentia lutando dentro em si mesma: *Ai, duas almas no meu seio moram!* Nisto as duas se parecem, — uma os concebeu, outra os recolheu. Agora, como é que se dá ou se dará a escolha de Flora, nem o próprio Mefistófeles no-lo explicaria de modo claro e certo. O verso basta: *Ai, duas almas no meu seio moram!* (Assis, 1962, p. 316).

A competitividade dos irmãos por Flora parece não funcionar, apesar de suas diferenças políticas, eles permanecem idênticos. Além disso, a posição idealista de Flora, seu estado de inocência perante aos acontecimentos históricos e sua tendência a não definir posições pode ser depreendida do seguinte trecho do capítulo LXIX “Ao piano”:

[...] Também se pode achar na sonata de Flora uma espécie de acordo com a hora presente. Não havia governo definitivo. A alma da moça ia com esse primeiro alvorecer do dia, ou com esse derradeiro crepúsculo da tarde, — como queiras, — em que nada é tão claro ou tão escuro que convide a deixar a cama ou acender velas. Quando muito, ia haver um governo provisório. Flora não entendia de formas nem de nomes. A sonata trazia a sensação da falta absoluta de governo, a anarquia da inocência primitiva naquele recanto do Paraíso que o homem perdeu por desobediente, e um dia ganhará, quando a perfeição trouxer a ordem eterna e única. Não haverá então progresso nem regresso, mas estabilidade. (Assis, 1962, p. 276).

As alucinações sofridas por Flora nas quais ela “unificava” Pedro e Paulo são descritas em *Esau e Jacó*: “[...] Flora ouviu mais de uma vez as duas vozes que se fundiam na mesma voz e na mesma criatura” (Assis, 1962, p. 310). Aliás, no Capítulo CVI “Ambos quais?” lemos a apresentação do último de seus delírios. “Ambos quais?” – título do mencionado capítulo – é uma referência a frase proferida por Flora ao saber que os gêmeos estavam ali para visitá-la.

A solução encontrada na narrativa é a morte de Flora, justamente quando o governo Floriano está em crise e a cidade do Rio de Janeiro encontra-se sitiada:

Não há novidade nos enterros. Aquele teve a circunstância de percorrer as ruas em estado de sítio. [...] Quem morreu, morreu. Era o caso de Flora; mas que crime teria cometido aquela moça, além do de viver, e porventura o de amar, não se sabe a quem, mas amar? Perdoais estas perguntas obscuras, que se não ajustam, antes se contrariam. A razão é que não recordo este óbito sem pena, e ainda trago o enterro à vista... (Assis, 1962, p. 407).

Conforme as ideias de John Gledson (1986) torna-se possível compreender o lugar central na narrativa de Natividade (mãe dos gêmeos) e Flora, pois elas representam dois momentos

II Seminário Internacional de Língua, Literatura e Processos Culturais

ESPAÇO | TERRITÓRIO | REGIÃO

De 19 a 22 de maio de 2014 – Caxias do Sul/RS

históricos. Em 1871, Natividade e a irmã Perpétua sobem o Morro do Castelo para consultar a vidente Cabocla:

Vale a pena enfatizar um elemento do simbolismo que cerca essa cena. O Morro do Castelo, onde ocorre a consulta, foi o local da fundação da cidade do Rio [...] mas também foi, por ocasião da publicação do romance de Machado, ameaçado de remoção, como um dos mais fortes obstáculos para a modernização do Rio, que começou na segunda década de existências da República. (Gledson, 1986, p. 188).

No livro *Por um novo Machado de Assis: ensaios* o crítico já citado faz o seguinte questionamento acerca do Morro do Castelo:

Porque ninguém vai ao morro do Castelo? Porque era um lugar pobre, e pobre em parte porque era morro, e as pessoas preferiam morar nos bairros mais planos e próximos à praia: Glória, Catete, Flamengo. (Gledson, 2006, p. 350).

Além disso, provavelmente Natividade nasceu em 1840, ou seja, contexto do Segundo Reinado. Já a representação dos primeiros anos da República está em Flora, ou melhor, especificamente na morte de Flora, pois “[...] coincide obviamente com o bombardeio do Rio, durante a Revolta da Marinha, em 1893”. (Gledson, 1986, p. 200).

Em suma, a simbologia de Flora recebe destaque em sua morte, pois revela a frustração e a impossibilidade de amar os gêmeos com igual intensidade. Sendo assim, presenciamos em Flora o emblema do país que, na época, não conseguia decidir qual rumo tomar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, Machado de. **Esau e Jacó**. Coleção Obras completas de Machado de Assis. São Paulo: Editora Brasileira Ltda., 1962.

BETELLA, Gabriela Kvacek. **Narradores de Machado de Assis: A Seriedade Enganosa dos Cadernos do Conselheiro (Esau e Jacó e Memorial de Aires) e a Simulada Displícência das Crônicas (Bons Dias! e A Semana)**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/ Nankin, 2007.

CANDIDO, Antonio. Esquema de Machado de Assis. In: **Vários escritos**. 2ª ed. São Paulo: Duas Cidades, 1977.

GLEDSON, John. **Machado de Assis: Ficção e História**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

_____. **Por um novo Machado de Assis: ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

II Seminário Internacional de Língua, Literatura e Processos Culturais

ESPAÇO | TERRITÓRIO | REGIÃO

De 19 a 22 de maio de 2014 – Caxias do Sul/RS

MEYER, Augusto. **Machado de Assis**. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro: Corag, 2005.

SALVAIA, Priscila. CHALHOUB, Sidney. **Representações políticas em Machado de Assis: uma análise histórica de Esaú e Jacó**. s/d. Anais IFCH/Unicamp. Endereço eletrônico: www.ifch.unicamp.br/graduacao/anais/Priscila_Salvaia.pdf) Acessado em 14/10/2014.

SCHWARZ, Roberto. **Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis**. São Paulo: Duas Cidades, 1990.

DE QUE MODO SE MANIFESTAM ASPECTOS PEDAGÓGICOS E ASPECTOS LITERÁRIOS NAS OBRAS DO ACERVO LITERÁRIO DO PACTO NACIONAL PELA ALFABETIZAÇÃO NA IDADE CERTA (PNAIC)?

Ellem Rudijane Moraes Borba – UFPel
Raíssa Cardoso Amaral – UFPel

O presente trabalho está vinculado ao projeto de pesquisa desenvolvido pelo Observatório da Educação/CAPES: Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC): Formação continuada de professores e melhoria dos índices de leitura e escrita no ciclo inicial de alfabetização (1º ao 3º ano), identificado pela sigla OBEDUC-PACTO.

Uma das ações do PNAIC prevê a disponibilização, para as escolas participantes, de obras de literatura por meio do Programa Nacional do Livro Didático – PNLD. Essa ação reconhece a necessidade de que a alfabetização e letramento se desenvolvam simultaneamente nos três primeiros anos do Ensino Fundamental. Dessa forma, deve-se propiciar às crianças a aprendizagem do sistema alfabético de escrita, concomitantemente, a compreensão dos usos pessoais e sociais da escrita, entre eles, a leitura literária, ou seja, o letramento literário.

Um dos eixos de investigação do projeto OBEDUC-PACTO é verificar de que forma os materiais e recursos didáticos distribuídos pelo Ministério da Educação às escolas de Educação Básica estão sendo utilizados e quais as estratégias de ensino são empregadas para o trabalho com esse material, especialmente pelos professores alfabetizadores que participam da formação continuada do PNAIC. Tendo em vista a sistematização e análise das ações de formação continuada que estão sendo desenvolvidas junto aos professores orientadores de estudo e cursistas da região meridional do estado do Rio Grande do Sul, percebemos a necessidade de fazer o seguinte questionamento: De que modo se manifestam aspectos pedagógicos e literários nas obras do acervo literário do Pacto Nacional Pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC)?

O principal compromisso dos Acervos Complementares do PNLD é com a curiosidade natural da criança, por isso não objetivam concretizar um plano de curso, estabelecer roteiros de aula ou cobrir algum programa de ensino, afinal, são obras recomendadas para estimular e ajudar a formar jovens leitores. Por conseguinte, essas obras devem servir como janelas por onde os alunos de escolas públicas possam ter um panorama das maravilhas que a cultura escrita pode proporcionar às suas vidas.

II Seminário Internacional de Língua, Literatura e Processos Culturais

ESPAÇO | TERRITÓRIO | REGIÃO

De 19 a 22 de maio de 2014 – Caxias do Sul/RS

O contato cotidiano com o material literário do acervo em sala de aula tem a finalidade de explorar, não só através da intermediação do professor, mas também pelo próprio aluno, o mundo dos livros, que envolve entre outras coisas: a diversidade temática, autores de diferentes épocas e regiões, a intervenção de tradutores, o trabalho dos ilustradores e até mesmo os editores que dão acabamento ao livro e o tornam um produto cultural.

No entanto, o trabalho com obras literárias na escola também envolve interesses didático-pedagógicos, pois abordam conteúdos curriculares, mas o tratamento dado a esses conteúdos deve relacionar conceitos de ensino com a curiosidade infantil, o jogo, a ficção e permitir ao aluno um contato lúdico e interdisciplinar com o objeto de ensino-aprendizagem em questão.

A perspectiva metodológica adotada é bibliográfica. Dessa forma, a pesquisa é fundamentada nos estudos de Antonio Candido (1972), Graça Paulino (2010) e Magda Soares (1999).

O ensaio emblemático “A literatura e a formação do homem” reflete sobre a problemática questão: “[...] a literatura tem uma função formativa de tipo educacional?” (CANDIDO, 1972, p, 84). Em seu texto, Candido aponta para a ambivalência do literário, pois traz consigo luzes e sombras e as primeiras experiências de leitura literária funcionam como uma iniciação na vida, pois humaniza.

Magda Soares, em “A escolarização da literatura infantil e juvenil”, ao comentar sobre o que ocorre com a literatura dentro do contexto escolar, traz uma reflexão pertinente a este projeto:

[...] a literatura é *sempre e inevitavelmente* escolarizada, quando dela se apropria a escola; o que se pode é distinguir entre uma escolaridade *adequada* da literatura – aquela que conduza mais eficazmente às práticas de leitura que ocorrem no contexto social e às atitudes e valores que correspondem ao ideal de leitor que se quer formar – e uma escolarização inadequada, errônea, prejudicial da literatura – aquela que antes afasta do que aproxima de práticas social de leitura, aquela que desenvolve resistência ou aversão à leitura. (SOARES, 1999, p. 25)

Além disso, segundo Antonio Candido (1972), a principal função da literatura é suprir as necessidades de ficção e fantasia do ser humano. Graça Paulino (2010), por sua vez, considera a importância da discussão sobre valores estéticos e as funções da literatura infantil na formação de leitores conscientes.

II Seminário Internacional de Língua, Literatura e Processos Culturais

ESPAÇO | TERRITÓRIO | REGIÃO

De 19 a 22 de maio de 2014 – Caxias do Sul/RS

A pesquisa sobre os acervos literários do PNLD/PNAIC encontra-se em estágio inicial e o seu *corpus* literário de análise é composto pelos livros referentes ao acervo III. Na sequência do estudo, trabalharemos também com as obras teóricas da autora Vera Teixeira Aguiar, que aborda sobre o lugar da literatura na vida social e a formação do leitor, com ênfase na Literatura para crianças.

Verificamos que, em algumas obras, as características literárias mostram-se secundárias em relação ao seu caráter pedagógico, manifestado pelo ensino de números, do alfabeto ou dos conteúdos do currículo escolar. Como a função do acervo literário do PNAIC não é apenas instrucional, a escolha de obras literárias com predomínio de questões instrucionais e didáticas parece, à primeira vista, uma contradição.

O trabalho literário deve conduzir ao pensamento crítico, à fruição e ao prazer da leitura. Entendemos que mesmo quando o professor, ao organizar o trabalho pedagógico na escola, se apropria de obras literárias e as utiliza como ferramenta de ensino, elas não podem servir apenas para fins didáticos, ou seja, somente com objetivo de ensinar a ler, mas é preciso considerar os diferentes contextos educacionais e fatores literários. Após a análise das obras do acervo III, foi possível observar que fatores literários foram considerados, pois estão presentes em obras como o clássico *Alice no País das Maravilhas* (Lewis Carroll – Trad. Ligia Cadermatori); na releitura do lobo mau *Cuidado com o menino* (Tony Blundell – Trad. Ana Maria Machado); na recriação de um cordel em forma de poema na *História da ressurreição do papagaio* (Eduardo Galeano – Trad. Ferreira Gullar). É o texto literário que incentiva a criatividade e possibilita que a atenção da criança se volte para o plano sonoro e estético da língua, além de colaborar, por exemplo, para que compreenda a escrita como representação da oralidade.

Dessa forma, o uso das obras de literatura disponibilizadas pelo MEC para as escolas participantes do Programa Nacional do Livro Didático – PNLD é uma ferramenta poderosa no processo de letramento infantil, visto que quanto mais precoce for o contato e a familiaridade com os livros e a cultura letrada, maiores as oportunidades para o sucesso escolar.

Em suma, conclui-se que a presença de acervos literários especificamente nas salas de aula dos três anos iniciais que acolhem crianças de 6, 7 e 8 anos é de vital importância ao trabalho de alfabetização e letramento no primeiro ciclo do Ensino Fundamental, pois aumenta as

II Seminário Internacional de Língua, Literatura e Processos Culturais

ESPAÇO | TERRITÓRIO | REGIÃO

De 19 a 22 de maio de 2014 – Caxias do Sul/RS

possibilidades de trabalho com a leitura literária pelos professores e a interação das crianças com as obras literárias.

Entretanto, entendemos que no processo de organização do trabalho pedagógico é preciso articular fatores pedagógicos, muitas vezes restritos às dimensões de ensino de determinado conteúdo, com fatores literários, ampliando práticas que de fato favoreçam o letramento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, V. T. de; BORDINI, M. da G. **Literatura, a formação do leitor: alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

BLUNDELL, T. **Cuidado com o menino**. Tradução: Ana Maria Machado. São Paulo: Salamandra, 2011.

BRASIL. MEC. FNDE. PNLD Obras complementares. **III Acervo literário do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa**. Brasília, 2013.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. **Acervos complementares: alfabetização e letramento nas diferentes áreas do conhecimento**. Ministério da Educação, Secretária de Educação Básica: Brasília, 2012.

BRASIL. Edital de Convocação 002/2013 – CGPLI/ PNLD Alfabetização na Idade Certa 2014 Anexo II - Critérios de Avaliação e Seleção. Disponível em: [file:///C:/Documents%20and%20Settings/Administrador/Meus%20documentos/Downloads/edital_pnld_alfabetizacao_idade_certa_2014_vf%20\(1\).pdf](file:///C:/Documents%20and%20Settings/Administrador/Meus%20documentos/Downloads/edital_pnld_alfabetizacao_idade_certa_2014_vf%20(1).pdf) – Acessado em 12 de junho de 2014.

CANDIDO, A. A literatura e a formação do homem. In: **Textos de intervenção**. (Seleção, apresentações e notas de Vinicius Dantas). São Paulo: Duas cidades, 2002. (Coleção Espírito Crítico).

CARROL, L. **Alice no País das Maravilhas**. Tradução: Ligia Cademartori. São Paulo: FTD, 2010.

GALEANO, E. **História da ressurreição do papagaio**. Tradução: Ferreira Gulla. São Paulo: Cosac Naify, 2012 – 2ª ed.

II Seminário Internacional de Língua, Literatura e Processos Culturais

ESPAÇO | TERRITÓRIO | REGIÃO

De 19 a 22 de maio de 2014 – Caxias do Sul/RS

PAULINO, G. ROSA, C. M. (Org.) **Das leituras ao letramento literário**. Belo Horizonte: FaE/UFMG e Pelotas: UFPel, 2010.

SOARES, M. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In: EVANGELISTA, Aracy et al. (orgs.). **Escolarização da leitura literária**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

INTERCULTURALIDADE EM FOCO NA OBRA DE KAKÁ WERÁ JECUPÉ: AS FABULOSAS FÁBULAS DE IAUARETÊ

Clarissa Guedes – UFRGS

O presente trabalho versa sobre o estudo da obra de Kaká Werá Jecupé, “As Fabulosas Fábulas de Iauaretê”. Essas histórias, registradas na escrita, trouxeram à vida a mitologia zoológica da família tupi-guarani e segundo relata o autor são “mais antigas que as histórias da Carochinha e tão lendárias quanto as lendas gregas”. A narrativa, permeada por uma espécie de realismo fantástico, possui aspectos formais reconhecíveis, tais como a voz do narrador enquanto xamã, sem se tratar de uma narrativa sagrada, pois o autor utiliza-se plenamente do recurso à ficção e à poesia sem abandonar o “jeito ancestral”, que tem na especificidade do pensamento simbólico do mito, sua principal manifestação. A releitura das fábulas do homem onça, narradas por Kaká Werá, ilustram uma forma de conhecer o mundo distinta da Ocidental.

O autor indígena, estabelece formas de diálogo com os modelos dominantes e oferece um cenário de diversidade epistemológica e cultural que assenta-se sobre uma Zona de Contato (PRATT,1999), propondo a coexistência de grupos culturalmente distintos em um mesmo espaço e motivando o surgimento de novos significados sociais, novos atores sociais, novas vozes no discurso literário. A voz de Kaká Werá recria no presente, o mito da onça-rei Iauaretê, num conjunto de fábulas, que, numa representação simbólica, expressam importantes valores da cultura guarani, além de outorgar o “lugar de fala”(MATA, 2011), a uma classe periférica, um grupo étnico não hegemônico.

O objetivo principal deste trabalho é colocar em questão a auto-representação no discurso de Kaká Werá, que, ao reescrever as “fabulosas fábulas”, ultrapassa as fronteiras de sua cultura, tradicionalmente oral, para, dessa forma, ressignificar aos “nossos” olhos, o imaginário existente na coletividade hegemônica, letrada, acerca de formas como outros grupos sociais se expressam em suas construções míticas, suas atitudes em relação ao mundo, bem como a maneira de lidar com os problemas da existência.

II Seminário Internacional de Língua, Literatura e Processos Culturais

ESPAÇO | TERRITÓRIO | REGIÃO

De 19 a 22 de maio de 2014 – Caxias do Sul/RS

A ecologia dos saberes

A análise do discurso de Kaká Werá, parte da ideia de que o conhecimento da realidade passa mais por uma ordem simbólica do que por uma ordem fenomênica. Os valores cognitivos são assentes num conhecimento pós-dualista, de superação das dicotomias: natureza/sociedade, vivo/inanimado, universal/particular.

Tal postura, é “a expressão ela própria, de maneiras diferentes de conceber o mundo, de intervir sobre este para o conhecer, conservar ou transformar” (SANTOS, p.148, 2006). (...) “A ecologia de saberes assenta na independência complexa entre os diferentes saberes que constituem o sistema aberto do conhecimento em processo constante de criação e renovação. O conhecimento é inter conhecimento, é reconhecimento, é autoconhecimento.” (p.157, SANTOS, 2006).

Neste caso Kaká Werá exemplifica:

“(…) Essas histórias, quando lidas no jeito e na língua tupi, possuem um jeito próprio, nativo, de contar. É um jeito “índio” de contar; lembra um pouco o chamado realismo fantástico. Não é surrealismo porque elas possuem ordem e coerência e objetivam transmitir ensinamentos mas o fantástico permeia a narrativa das histórias, em que o vento fala, o rio fala, as pedras falam, as árvores ensinam, as entidades míticas participam da vida humana e a magia é uma coisa cotidiana – sem ser Harry Potter”(p.84)

A trama tecida entre oralidade e escrita

O discurso de Kaká Werá pauta a desestabilização de modelos dominantes. Enquanto que em “nosso mundo” parece haver uma corrida por posicionamento, dada a crescente globalização e expansão da classe média mundial, definida a partir de uma estreita relação com o *consumo e a competitividade* (um recurso central na formação da sociedade ocidental) e com a manutenção do *status social*, no “mundo indígena”, outros processos tomam lugar.

O primeiro deles, ou um dos mais marcantes em minha opinião, seria atualmente o processo da necessidade de zelar pelas tradições, ancorado entre seus membros principalmente junto à sabedoria dos mais velhos, que funcionam como guardiões da memória e da tradição, sendo essas em suas origens transmitidas oralmente. As condições de intenso contato com a urbanização e também a demarcação de territórios, instituídas ambas por séculos de colonização, vêm “esmagando” os povos originários em terras demarcadas, na maior parte das vezes insuficientes em espaço ou inapropriadas para a manutenção do seu modo de vida. Em consequência disso, algumas práticas tradicionais que alimentam as novas gerações e geram a perpetuação da cultura, ou não acontecem mais com a mesma frequência ou foram gravemente alteradas. Fatores assim

II Seminário Internacional de Língua, Literatura e Processos Culturais

ESPAÇO | TERRITÓRIO | REGIÃO

De 19 a 22 de maio de 2014 – Caxias do Sul/RS

impulsionaram comunidades indígenas a buscarem o respaldo do domínio da escrita enquanto mediador entre eles e a cultura do branco, numa atitude de empoderamento com a aquisição dessa ferramenta do mundo do “branco”, visando principalmente a conservação de suas culturas e a luta por seus direitos junto à sociedade envolvente.

Essas orientações conflituam com o horizonte da *oralidade* e dos ritmos da coletividade indígena, em que a palavra falada tem papel fundamental como função de gerenciadora da memória social e as tecnologias intelectuais desenvolvem-se sobretudo a partir das dramatizações, danças, rituais, rimas e ritmos de poemas e canções em que os cânones do saber são sobretudo os mitos. O que escrever e a partir de que modelos, já que os indígenas de hoje não trazem em seu repertório leituras exaustivas do cânone literário ocidental?

Esta escrita terá como horizonte a oralidade e os ritmos da coletividade. Expressar a afirmação da identidade étnica conduz à possibilidade de uma gestão mais autônoma de seus processos, podendo ser a chave para uma sociedade pautada nas relações interculturais, que permitem a afirmação de identidades étnicas, o reconhecimento às diferenças e o respeito à diversidade. Daí o notório reconhecimento da importância de incrementar estudos e ações que aproximem os saberes formais dos saberes desses grupos, o que inclui, sobretudo, sua língua e suas produções estéticas, como a literatura, os cantos sagrados e registros audiovisuais por exemplo.

O conceito de representação, segundo Anderson Nunes da Mata (2011, p.16), se dá primeiramente como uma apropriação do real, plasmada por uma linguagem que visa a comunicar um conteúdo recortado desse real, e que, quando trata de pessoas, acaba por recriar dentro desta linguagem, a língua dos indivíduos, falando em seus nomes(...) um processo que enforma um ato de comunicação perpassado por pressupostos políticos e suas consequências. Esta é uma provável assertiva, quando pensamos a dimensão antropológica da literatura para os indígenas na proposição de uma teoria intercultural, que dialogue à sua maneira com ideais consagrados das “belas letras” (no caso das Fabulosas Fábulas, apresenta na segunda metade do livro a história de Iauaretê-Mirim, o filho do homem onça, como o mito do herói em formação), mas sem perder o pensamento mítico e o relato ritualizado, reafirmando a presença da palavra viva Guarani na literatura. Assim o pensamento e a cosmovisão indígena de mundo potencializa a sua alteridade, dialoga com a epistemologia do saber ocidental, se transforma com ela, mas continua sendo indígena.

Assim o faz o indígena Kaká Werá Jecupé, outorgando o “lugar de fala” a uma classe periférica, um grupo étnico não hegemônico e reivindicando a reinvenção de si e dos seus, pela palavra. O autor demonstra plena vivência dos processos culturais pelos quais os *Guarani* sentem

II Seminário Internacional de Língua, Literatura e Processos Culturais

ESPAÇO | TERRITÓRIO | REGIÃO

De 19 a 22 de maio de 2014 – Caxias do Sul/RS

até hoje o doloroso legado do colonialismo. Ao trazer para o presente as fantásticas *Fábulas de Iauaretê*, retêm a liberdade criativa para expressar os valores de sua cultura, usando de fórmulas que alcançam alto valor metafórico e força poética, como a presença do sobrenatural e do fantástico por aqueles que se deixam vivê-lo no cotidiano, assim como boa parte dos povos originários das Américas ainda vive imerso. O discurso literário do autor, emerge pensado a partir da oralidade, e faz com que o leitor, Guarani ou não, possa aproximar-se tanto desse imaginário quanto de si próprio, ao descobrir a complexidade da riqueza dessas culturas ainda desconhecidas (embora tão próximas fisicamente) e silenciadas na cultura brasileira. Dessa forma, o autor propõe-se a recriar experiências e situações arquetípicas sagradas, onde o mundo abunda em mistérios e também os animais e a natureza da floresta dialogam com o herói a ponto de ajudá-lo nas passagens difíceis:

“Como era uma dessas manhãs de ouro e prata com que a Mãe do dia presenteia de vez em quando nossos olhos, e estava quente, Iauaretê foi até à beira do rio beber água e começou a observar nas águas a sua imagem. Ficou olhando, olhando, olhando. Enquanto as águas corriam bem suavemente cantando uma canção ancestral, a imagem mudava de criança para menino e de menino para homem e de homem para velho e de velho para um tom dourado de prata, e assim ia circulando entre o silêncio e o som dos hábitos das manhãs, mudando, mudando, mudando. _ O que está acontecendo, Mãe Cobra Grande? O que você quer me dizer? _ Eu nada, somente canto.” (WERÁ, p.62)

Estas últimas figuras, vindas da oralidade são transferidas para a escrita, mas preservam seu poder da voz pois geram reviravoltas nas peripécias, desvios dos caminhos. Estes seres comunicam sempre de forma metafórica com os seres humanos comuns, uma espécie de linguagem “cifrada”, que mantém intacta os segredos da tradição.

O êxtase poético como estilo

Através da leitura desta obra abre-se uma via de acesso ao estilo marcadamente étnico de narração que esconde verdades socioculturais profundas, projetando a existência do sagrado, a ritualização do relato da história, a partir do jeito indígena de ser. É possível observar representações conscientes e autônomas, onde o binômio homem-natureza na narrativa, engloba a convivência sustentável e harmoniosa com o meio ambiente onde se situa:

“Iauaretê-mirim era um jovem solitário. Um caçador de estrelas. Um seguidor de rastros do sol. Dominava a arte de fazer canoas. Fazia como ninguém. Fazia canoa sem derrubar uma árvore. Escolhia um jatobá velho, pedia permissão para tirar-lhe a casca, e com ela fazia canoas perfeitas, moldando as pontas da casca no fogo, usando a resina da própria árvore. (...) Ficava horas de pé em sua canoa, mirando o infinito – era uma forma de acolher a paz dentro de si”(WERÁ,2007,p.54).

II Seminário Internacional de Língua, Literatura e Processos Culturais

ESPAÇO | TERRITÓRIO | REGIÃO

De 19 a 22 de maio de 2014 – Caxias do Sul/RS

Com frequência entre os *Guarani*, os relatos vinculados ao mundo mítico e lendário são cantados ou narrados por xamãs (COLOMBRES, 1997), ou seja, o xamã como *poeta*, o indivíduo buscando a si mesmo, empenhado em decifrar o enigma de si próprio, a sua verdade, e transformando sua relação com o mundo. Na prática ocorre também, o fato de os *Guarani* estarem simbolicamente ou “oswaldianamente”, colocando-se maneiras de apropriar a cultura dominante, emergindo desse “luto cultural” de 500 anos e buscando encontrar expressão literária na forma de autores individuais nativos, reivindicando sua existência hoje, em meio a um processo que teve início bem recentemente em nossa história. O herói criado por Werá, aparece não tão positivado, e sim muitas vezes passando por situações de dúvida, inquietação, erros e acertos, conversando com os elementos do discurso, e, por fim, se transformando se tornando um “outro” herói, numa outra construção de sujeito. Como forma de um modo sutil de propor uma contundente reflexão sobre a diferença:

“ _ Preciso muito de ajuda! Eu não sei direito o que eu sou. Às vezes sinto vontade de pular no pescoço de alguém. Às vezes sinto que sou a própria paz. Acho que ser filho de gente onça é muito ruim. Ajuda-me! Por favor! Eu já não sei o que eu sou! Se gente ou bicho...”
“ _ Meu jovem guerreiro, você é como um pajé! Todos nós temos uma onça raivosa e uma pacífica no coração. Vamos ser sempre aquela a que o nosso pensamento oferecer alimento. (WERÁ, 2007, p.56)”.

As culturas indígenas dão indícios que podem e devem ser reinventadas, recriadas aos moldes ancestrais segundo seus valores cognitivos, éticos e políticos, mesmo fazendo uso de ferramentas do sistema “civilizacional” branco ocidental, como a escrita, por exemplo. Num mundo em que as fronteiras são muitas vezes difusas, a contemporaneidade do século XXI, que se anuncia multiétnico e multicultural, põe por terra o mito inventado pelo branco letrado de que índio é bárbaro, de cultura primitiva, irracional e selvagem e de que o branco é civilizado, científico, superior. Estudos do sociólogo português Boaventura de Souza Santos, apontam para o reconhecimento de culturas que baseiam sua compreensão da realidade de forma não científica, onde os valores cognitivos não se podiam separar totalmente de valores éticos e políticos, em que, a cultura apresenta-se como parte da ciência. Partindo destes pressupostos, não haveria razões científicas para a considerar melhor que as explicações alternativas da metafísica, da astrologia, da religião, da arte ou da poesia. Boaventura então alega que a ciência é sim um juízo de valor e não pode ser considerada como única explicação possível da realidade e sustenta o que ele chama de contexto de surgimento de novas ciências anti reducionistas, que se desenvolveram dramaticamente a partir de meados do século XX e que englobam as características que seguem:

II Seminário Internacional de Língua, Literatura e Processos Culturais

ESPAÇO | TERRITÓRIO | REGIÃO

De 19 a 22 de maio de 2014 – Caxias do Sul/RS

“Em vez do simples, o complexo; em vez da reversibilidade, a irreversibilidade; em vez do tempo linear, os tempos não lineares; em vez da continuidade, a descontinuidade; em vez da realidade constituída ou criada, os processos de criação e as qualidades emergentes; em vez da ordem, a desordem; em vez da certeza, a incerteza; em vez do equilíbrio, a instabilidade e as ramificações (“branching”); em vez do determinismo e dos sistemas lineares, o caos e o caos determinista e a teoria das catástrofes; em vez da prioridade da investigação da relação causa-efeito, a prioridade da investigação dos meios para atingir objetivos; em vez da separação entre sujeito e objeto, o objeto que é sujeito; em vez da separação entre observador e observado, o observador na observação; em vez da separação entre o pensar e o agir, a interatividade entre ambos no processo de investigação.” (SANTOS, 2006, p.141)

Como resultados observados desta investigação, podemos relacionar que o reconhecimento desta experiência faz com que o leitor, Guarani ou não, possa ressignificar seu olhar, despindo-se de suas concepções e adentrando nessa zona de contato com os Guarani, suas narrativas orais, sua etno poesia. O discurso literário de Werá, dá indícios de que a autorrepresentação indígena literária pode e deve ser reinventada, recriadas aos moldes ancestrais segundo seus valores cognitivos, éticos e políticos. Tais recursos de criação poética, correspondem ao nascimento e desenvolvimento de uma escrita inspirada nos narradores e nos fundamentos tradicionalmente orais das sociedades ameríndias, permitindo ao leitor, a aproximação desse imaginário silenciado na cultura brasileira. A contemporaneidade do séc XXI, sugere a inclusão do conhecimento de grupos de diferentes culturas dispostos a estabelecerem laços, respeitarem-se e constantemente reafirmarem relações como forma de positivar o diálogo intercultural.

O discurso literário de Kaká Werá, emerge pensado a partir de recursos do êxtase da criação poética oral (COLOMBRES,1997), motiva o surgimento de novos significados sociais, novos atores sociais, novas vozes no discurso literário e corresponde ao nascimento e desenvolvimento de uma escrita inspirada nos narradores e nos fundamentos das sociedades ameríndias.

Reivindicar a existência dessa escrita na literatura hoje, relega as culturas indígenas à uma alteridade em mutação e vinculada aos processos históricos. Neste novo momento, pretende-se refletir que o sentido da história não estaria nos documentos textuais, lugares de significação engessada, mas sim em sua discursividade, que vai transformando o indígena, de objeto da imagem, em sujeito do olhar.

Referências:

JECUPÉ, Kaká Werá. *As Fabulosas Fábulas de Iauaretê*. São Paulo, Peirópolis, 2007

SANTOS, Boaventura de Souza. *A Gramática do tempo: Para uma nova cultura política*. Ed. 2. São Paulo, Cortez, 2006.

II Seminário Internacional de Língua, Literatura e Processos Culturais

ESPAÇO | TERRITÓRIO | REGIÃO

De 19 a 22 de maio de 2014 – Caxias do Sul/RS

PRATT, Mary Louise. *A crítica na zona de contato: nação e comunidade fora de foco*. In: TRAVESSIA. Publicação do Programa de Pós Graduação em Literatura – ISSN 0101-9570 – Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil. No. 38. 1999

COLOMBRES, Adolfo. *Celebración del Lenguaje*. Buenos Aires, Ediciones del Sol, 1997

DALCASTAGNÉ, Regina; THOMAZ, Paulo C.; MATA, Anderson Nunes da. *Pelas Margens: Representação na narrativa brasileira contemporânea*. São Paulo, ED. Vinhedo, 2011.

BERGAMASCHI, Maria Aparecida. *Nhembo'e* – Educação Escolar nas Aldeias Guarani. Artigo. Educação, Porto Alegre RS, ano XXX, n.1 (61), p. 109-132, jan-abr 2007.

REPRESENTAÇÕES DO SUJEITO FEMININO EM *MULHERES DE OLHOS GRANDES*

Tatiane de Lima Ribeiro – UCS

Resumo

A obra *Mulheres de olhos grandes* (2001), da autora mexicana Ángeles Mastretta, apresenta, ao todo, trinta e sete contos, todos sem título. A autora, nascida em Puebla, no ano de 1949, traz à tona as histórias das “tias”, que, por serem personagens ficcionais, tornam-se representações de sujeitos femininos, de mulheres que vivem conflitos regionais, ganhando dimensão universal. Assim, a proposta deste trabalho é analisar o primeiro conto da obra *Mulheres de olhos grandes*, a fim de verificar as representações do sujeito feminino, por meio de aportes teóricos da crítica feminista, em especial Navarro (1995), Perrot (1992), Rocha-Coutinho (1994) e Schmidt (2000). Para a realização deste estudo, foi implementado um referencial teórico que subsidiou a análise do corpus escolhido. Nas histórias contadas por um narrador onisciente, as personagens centrais são mulheres que, cada uma ao seu modo, subvertem o destino imposto a elas pela sociedade de cunho patriarcal de uma pequena cidade mexicana, Puebla. Essas mulheres, “as tias”, têm desejos, sonhos e coragem suficiente para revolucionar suas vidas e encorajar a mudança na vida de outras conterrâneas. Suas histórias se entrelaçam, seus sofrimentos e conquistas são compartilhados; Puebla, a cidadezinha interiorana de vida pacata e tradicional, não é mais a mesma depois da atitude de enfrentamento dessas mulheres. No conto, cuja personagem principal é Tia Leonor, que “tinha o umbigo mais perfeito do mundo”, encontramos representações de mulheres de três diferentes gerações da mesma família: a avó, que reprime os desejos da neta, a mãe – Tia Luisita –, que não tem autonomia sobre a própria vida, e a racional e sensual Tia Leonor, que retoma o passado com o simbolismo das nêsperas.

Palavras-chave: Representações. Sujeito feminino. Crítica feminista.

Abstract

The book *Women with big eyes* (2001), written by the Mexican authoress Ángeles Mastretta, presents a total of thirty-seven tales, all untitled. The authoress was born in Puebla, in 1949, and brings to light the stories about “aunts”, who, as fictional characters, become representations of female subjects, of women who live regional conflicts, acquiring a universal dimension. Thus, the purpose of this work is to analyze the first tale of the book *Women with big eyes*, in order to verify the representations of the female subject, by theoretical contribution, especially Navarro (1995), Perrot (1992), Rocha-Coutinho (1994) and Schmidt (2000). To perform this study, a theoretical framework was implemented, that subsidized the analysis of the corpus chosen. In the stories told by an omniscient narrator, the main characters are women who, each by their own way, subvert the destination imposed to them by a patriarchal society of a small Mexican town, Puebla. These women, “the aunts”, have wishes, dreams and courage enough to revolutionize their lives and encourage the change in other countrywomen’s lives. Their stories interwove, their sufferings and achievements are shared; Puebla, the quiet and traditional life provincial town, is not the same after the confrontation attitude of these women. In the tale, whose main character is Aunt Leonor, who “had the most perfect navel of the world”, we find representations of women from three different generations of the same family: the grandmother, who represses the granddaughter wishes, the

II Seminário Internacional de Língua, Literatura e Processos Culturais

ESPAÇO | TERRITÓRIO | REGIÃO

De 19 a 22 de maio de 2014 – Caxias do Sul/RS

mother – Aunt Luisita –, who doesn't have autonomy over her own life, and the rational and sensual Aunt Leonor, who resumes the past by the medlars' symbolism.

Keywords: Representations. Female subject. Feminist criticism.

Considerações iniciais

Mulheres de olhos grandes, obra da autora mexicana Ángeles Mastretta, lançada em 2001, compõe-se de 37 contos não titulados. As histórias narradas têm como espaço a cidade mexicana de Puebla e um contexto social patriarcal. As personagens centrais são denominadas “tias” e são mulheres que subvertem, cada uma ao seu modo, o que a sociedade espera e exige delas, segundo a tradição falocêntrica.

A escritora e jornalista Ángeles Mastretta, também, nasceu em Puebla no ano de 1949. Autora premiada, Mastretta foi a primeira mulher a ganhar o prêmio Rômulo Galegos em 1997 com a obra *Mal de amores* (1996). Com várias obras publicadas, merecem destaque, além das já citadas, *Arranca-me a vida* (1985) e *Maridos* (2007).

Esse estudo busca analisar o primeiro conto da obra *Mulheres de olhos grandes*, verificando as representações do sujeito feminino que perpassam o texto por meio de aportes de crítica feminista. A teoria crítica feminista é de suma importância para a análise e para o entendimento das obras de autoras contemporâneas, uma vez que essa literatura evidencia aspectos de denúncia e de libertação da ideologia dominante.

O feminino: uma breve perspectiva histórica

Na História de Literatura e na história da humanidade, a mulher foi, quase sempre, vista como personagem secundária ou coadjuvante, enquanto o homem, por sua vez, detinha o *status* de personagem central e de ator social de destaque. A mulher tornou-se, então, o outro. Imbuída de alteridade, ela deveria dobrar-se diante da identidade e da autoridade do homem, o seu senhor.

De camponeses a grandes pensadores da humanidade, essa cultura sexista fez com que se criasse uma espécie de rede de dominação do gênero feminino. Ritos, costumes e tabus ditavam como deveria ser o comportamento das mulheres, comportamento esse que precisava ser regrado e limitado constantemente. A mulher tornou-se o inimigo íntimo que deveria ser vigiado até dentro da própria casa. Era preciso protegê-la e garantir sua honra, afinal tratava-se do “sexo frágil”. Sobre essa suposta fragilidade da mulher, Beauvoir (1980, p. 116) afirma que “é como sexo que lhe

II Seminário Internacional de Língua, Literatura e Processos Culturais

ESPAÇO | TERRITÓRIO | REGIÃO

De 19 a 22 de maio de 2014 – Caxias do Sul/RS

recusam a igualdade com o homem, pretextando, para dominá-la, ‘a imbecilidade, a fragilidade do sexo’”. A autora evidencia assim a anunciada condição de fraqueza, de inferioridade, *a priori*, que é, ainda hoje, atribuída a mulher.

Práticas culturais arraigadas e difundidas amplamente tornaram-se determinismos naturais. Agora, a dominação cultural tinha uma explicação natural, muitas vezes baseada na biologia, resumindo a mulher a seu corpo físico. A mulher passou a ser idealizada e mitificada. Como mito, não havia meio termo, e a mulher era vista ora como anjo, ora como demônio, santa ou pecadora, mãe ou amante. Sobre esse aspecto, Beauvoir (1980, p. 183) considerava que

é sempre difícil descrever um mito; ele não se deixa apanhar nem cercar, habita as consciências sem nunca postar-se diante delas como um objeto imóvel. É por vezes tão fluido, tão contraditório que não se lhe percebe, de início, a unidade: Dalila e Judite, Aspásia e Lucrecia, Pandora e Atená, a mulher é, a um tempo, Eva e a Virgem Maria. É um ídolo, uma serva, a fonte da vida, uma força das trevas; é o silêncio elementar da verdade, é artifício, tagarelice e mentira; a que cura e a que enfeita; é a presa do homem e sua perda, é tudo o que ele quer ter, sua negação e sua razão de ser. (BEAUVOIR, 1980, p. 183)

Para o homem, acostumado com o falo, o corpo da mulher causa estranheza, atribuiu-se, então, poderes e mistérios ao corpo feminino. O corpo que nutre uma nova vida, pode também levar à perdição, à morte, por isso a mulher passou a ser a dona da vida e da morte, um perigoso ser que deveria ser subjugado e controlado a qualquer custo. Beauvoir (1980, p. 207) mostra a relação da mulher com a vida e a morte, uma vez que

a Mãe destina o filho à morte ao dar-lhe vida; a amante induz o amante a renunciar à vida e a abandonar-se ao sono supremo [...] mas há uma verdade mais original. Nascido da carne, o homem realiza-se como carne no amor e a carne é condenada ao túmulo. Com isso, confirma-se a aliança da mulher com a Morte; a grande ceifadeira é a figura invertida de fecundidade que faz crescerem as espigas. (BEAUVOIR, 1980, p. 207)

O feminismo surgiu em meio a essa cultura, questionando a alteridade feminina e reivindicando mudanças. Posto em palavras parece algo fácil, mas na prática não o é. O feminismo, ainda hoje, é tido como um levante social e não como um movimento político, uma vez que a vida pública sempre foi proibida às mulheres. Justificou-se essa proibição postulando uma “natureza feminina”, mais preocupada com o bem-estar social do que com causas políticas. As feministas, não raro, são vistas como “mulheres que querem ser homem” ou como “anarquistas que queimam sutiãs”, quando, na verdade, são seres humanos, exigindo os mesmos direitos que não são negados a outros seres humanos. Conforme Perrot (2001)

II Seminário Internacional de Língua, Literatura e Processos Culturais

ESPAÇO | TERRITÓRIO | REGIÃO

De 19 a 22 de maio de 2014 – Caxias do Sul/RS

o feminismo entre nós continua sendo um fato “social”, não político. A idéia de que a política não é assunto das mulheres, que aí elas não estão em seu lugar, permanece enraizada, até muito recentemente, nas opiniões dos dois sexos. Além disso, as mulheres tendem a depreciar a política, a valorizar o social e o informal, assim interiorizando as normas tradicionais. (PERROT, 2001, p. 184)

Na literatura, o logocentrismo, difundido através do cânone, ajudou a idealizar a mulher. Proibida de estudar e sem acesso às letras, a voz da mulher se esvaiu; cabia ao homem narrar sua história como bem entendesse. Ele se transformou numa espécie de juiz; julgava, condenava e aplicava-lhe a pena. Com o poder, e com a pena em mãos, o homem fez da mulher um mero objeto artístico, descrito minuciosamente, comparado a um vaso chinês ou ao nascer do sol. A esse respeito, Perrot (2001) considera que

quantitativamente escasso, o texto feminino é estritamente especificado: livros de cozinha, manuais de pedagogia, contos recreativos ou morais constituem a maioria. Trabalhadora ou ociosa, doente, manifestante, a mulher é observada e descrita pelo homem. Militante, ela tem dificuldade em se fazer ouvir pelos camaradas masculinos, que consideram normal serem seus porta-vozes. A carência de fontes diretas, ligada a essa mediação perpétua e indiscreta, constitui um tremendo meio de ocultamento. (PERROT, 2001, p. 186)

Frente a literatura canônica, vem surgindo uma nova literatura, uma literatura de denúncia, de desmistificação, de libertação da palavra por séculos silenciada. Uma literatura que põe a mulher no centro, que cria paradoxos, composta de personagens que representam mulheres de olhos grandes que não precisam ser condenadas à morte, ao isolamento ou à loucura porque infringiram regras a elas impostas. Mulheres que, agora, podem e querem ser donas de seus destinos e fazer sua história. Com relação à retomada da palavra por parte da mulher escritora, Schimidt (2000, p. 105) afirma que

nesse sentido, a emergência do *outro* da cultura, ou seja, as mulheres narradoras silenciadas pelas práticas narrativas dominantes da cultura patriarcal, sinaliza um novo episteme narrativo em que novos saberes, para além de limites sagrados e seculares impostos pela tradição, atualizam um novo sujeito engajado na reconceptualização de si e do mundo.

Sujeito feminino em *Mulheres de olhos grandes*

O primeiro conto da obra *Mulheres de olhos grandes* apresenta a primeira das muitas e emblemáticas “tias”, tia Leonor. Jovem, racional e sensual, “Tia Leonor tinha o umbigo mais perfeito do mundo”. Logo no início do conto, o narrador descreve a forma física da personagem central do texto:

II Seminário Internacional de Língua, Literatura e Processos Culturais

ESPAÇO | TERRITÓRIO | REGIÃO

De 19 a 22 de maio de 2014 – Caxias do Sul/RS

Tia Leonor tinha o umbigo mais perfeito do mundo. Um pontinho afundado bem no meio da barriga planíssima. Tinha as costas salpicadas de sardas e uns quadris redondos e firmes, como os jarros em que bebia água quando era criança. Seus ombros suavemente erguidos, andava devagar, como equilibrando-se num arame. Quem viu suas pernas diz que eram longas e douradas, que o pelo de seu púbis era uma mecha avermelhada e ativa, que era impossível olhar sua cintura sem desejá-la inteira. (MASTRETTA, 2001, p. 7)

Tia Leonor tem uma sensualidade encantadora, é ativa e, no alto de seus 17 anos, demonstra ser mais racional que emocional, pois não casa por amor, não casa com o coração, ao contrário, escolhe o homem que poderá ajudá-la após a morte de seu pai. Leonor “casa com a cabeça”, como confirma a passagem:

aos 17 anos casou-se com a cabeça e com um homem que era exatamente o que uma cabeça escolhe para se assentar na vida. Alberto Palacios, tabelião rigoroso e rico, era 15 anos mais velho, 30 centímetros mais alto e proporcionalmente mais experimentado que ela. (MASTRETTA, 2001, p. 7)

Além de tia Leonor, outra tia aparece no conto, Luisita, sua mãe. Luisita é uma mulher totalmente dependente do marido, não tem autonomia sobre a própria vida. Quando o pai de Leonor falece, ela casa a filha com Alberto Palacios, pois não vê, nem para si, nem para a filha, solução melhor.

[...] em vida, o recém-falecido pai da tia não deixara a mulher pensar um minuto sequer por conta própria. Fazia tudo por ela, menos ir ao mercado e cozinhar. Contava-lhe as notícias do jornal, explicava o que devia pensar delas, dava-lhe sempre o suficiente para os gastos, nunca lhe pedia conta de nada [...]. (MASTRETTA, 2001, p. 7-8)

O pai de tia Leonor centralizava o poder familiar e tinha total domínio sobre a esposa, uma vez que lhe dizia até o que ela deveria pensar. Assim, tudo na vida de Luisita vinha através do esposo, que monopolizava a mulher. Porém, o homem que “fazia tudo por ela”, se abstinha das atividades consideradas femininas como “ir ao mercado e cozinhar”.

A terceira personagem feminina que vemos no texto é a avó de tia Leonor. Por ser de uma geração anterior, ela representa, de certa forma, a tradição. É ela a grande responsável pela separação de tia Leonor e de seu amor juvenil, Sergio, seu primo.

Como representante da tradição falocêntrica vigente em Puebla, a avó, percebendo a aproximação dos dois primos, adverte-os: “primos que se casam têm filhos idiotas”. Essa fala, de cunho patriarcal, remete à proibição do incesto e é reforçada pela credence popular. Apesar de a ciência se debruçar sobre alguns casos de má formação congênita que ocorrem em filhos de pais com um grau mais elevado de parentesco e concluir que o problema surge devido a essa

II Seminário Internacional de Língua, Literatura e Processos Culturais

ESPAÇO | TERRITÓRIO | REGIÃO

De 19 a 22 de maio de 2014 – Caxias do Sul/RS

proximidade, a avó de Leonor emite sua fala não com base em relatos científicos, mas na cultura popular. Tia Leonor, então, internaliza a fala da avó e se afasta do primo. As tardes idílicas que passava debaixo do pé de nêspersas, na casa da avó, com Sergio, não mais ocorreram.

Com a repentina separação, os primos tomaram caminhos diferentes. Sergio foi estudar na Espanha, destino comum para os rapazes da época. Tia Leonor viu-se obrigada a se casar com um homem que não amava, uma vez que o casamento era a única saída para ela, afinal era uma mulher.

O tempo passa e tia Leonor, agora com três filhos, acredita estar vivendo uma vida “perfeita”: bom marido, bons filhos, uma boa casa. Aos olhos da sociedade Leonor tinha tudo o que uma mulher poderia almejar e era esperado dela um comportamento condizente com uma boa esposa, mãe e dona de casa. Com relação ao comportamento exigido, tanto da mulher quando do homem, Rocha-Coutinho (1994) diz que

esperava-se [...] que homens e mulheres vivessem segundo expectativas alheias, isto é, segundo o que deles era esperado pela sociedade. Quando adultos, não raro, ambos descobriam que o que alcançaram não era o suficiente para fazê-los felizes, experimentando um sentimento de frustração e incompletude advindo do fato de que aqueles objetivos não eram satisfatórios. (ROCHA-COUTINHO, 1994, p. 237)

Em uma visita ao mercado tia Leonor vê nêspersas à venda. As frutas reavivam suas lembranças e seu amor reprimido pelo primo. Ela, então, passa a questionar essa “felicidade perfeita” em que vive. A visão da fruta longe do pé causa-lhe estranheza por parecer deslocada. Tia Leonor percebe que também está deslocada, vivendo uma vida que nunca quis para si e começa a relembrar o passado que ainda está presente em suas memórias: “Viu as nêspersas no mercado e achou-as estranhas, separadas da árvore mas sem deixá-la de todo, porque as nêspersas são cortadas com os galhos mais finos ainda cheios de folhas.” (MASTRETTA, 2001, p. 10)

Sergio, agora um homem, regressa da Espanha. Na casa da avó, Leonor e o primo relembram os momentos que passavam juntos colhendo nêspersas. A avó, desta vez, dá seu consentimento, e os primos retornam aos jardins para, finalmente, colher as tão esperadas nêspersas. Essa colheita é, também, simbólica, uma vez que representa o ato sexual.

A avó é, então, determinante na escolha de tia Leonor, pois é ela quem dá o consentimento para que a neta realize seu desejo sem culpa. Em uma análise das personagens femininas do conto podemos comprovar a importância da avó, a matriarca da família.

II Seminário Internacional de Língua, Literatura e Processos Culturais

ESPAÇO | TERRITÓRIO | REGIÃO

De 19 a 22 de maio de 2014 – Caxias do Sul/RS

A primeira intervenção da avó é uma fala de cunho patriarcal que segue a tradição vigente. Sem se dar conta do poder de suas palavras, ela acaba reprimindo os desejos da neta, o que terá consequências na vida de todos:

- Fazia anos que não via vocês dois juntos.
- Desde que você disse que se os primos se casam têm filhos idiotas – respondeu tia Leonor. (MASTRETTA, 2001, p. 12)

Segundo Rocha-Coutinho (1994, p. 1994) a linguagem desempenha um papel importante na manutenção da visão de mundo masculina, desse modo, até as mulheres, mesmo sem se darem conta, por meio das palavras, ajudam a propagar essa visão, restringindo, ainda mais, o espaço para a expressão de uma fala autônoma feminina. Para a autora,

a maioria de nossas escolhas lingüísticas na conversação diária não é objeto de reflexão consciente. Isto significa que muitas das mensagens que transmitimos e recebemos são “carregadas” de significações que vão além de seu conhecimento aberto e, talvez mesmo, além das intenções, pelo menos conscientes, do próprio falante. (ROCHA-COUTINHO, 1994, p. 55)

Essa intervenção da avó pode ser considerada uma tentativa inconsciente de manter a ordem patriarcal vigente, de continuar uma tradição que veio muito antes da existência da própria avó e que busca uma continuidade reforçando-se a cada geração. Um costume, uma proibição. Ela repete inconscientemente o que ouviu como regra intransponível, que, se burlada, acarreta em pena maior para a mulher: a não geração de filhos considerados saudáveis, uma vez que a saúde dos filhos é tida como responsabilidade da mãe.

Já a segunda intervenção da avó expressa uma tomada de consciência e um pensamento autônomo. A avó dá sua bênção e retira sua fala patriarcal ao dizer aos primos que eram bons colhendo nêspas. Com a bênção e a cumplicidade da avó, tia Leonor sente-se livre para, finalmente, agir conforme sua vontade.

Saíram do quarto azul quase arrancando a roupa, desceram para o jardim como que atraídos por um feitiço e voltaram três horas depois com o corpo apaziguado e três galhos de nêspas.

— Perdemos a prática – disse tia Leonor.

— Pois tratem de recuperá-la, porque a vida é curta – respondeu a avó com a boca cheia de caroços de nêspas. (MASTRETTA, 2001, p. 12)

A avó reconheceu que sua fala inconsciente acarretou na desunião dos primos. Quando percebe o erro que cometeu ao negligenciar uma paixão juvenil, não dando importância aos

II Seminário Internacional de Língua, Literatura e Processos Culturais

ESPAÇO | TERRITÓRIO | REGIÃO

De 19 a 22 de maio de 2014 – Caxias do Sul/RS

sentimentos dos netos, ela decide falar com sua própria voz e não repetir, de forma autômata, o que passou a vida toda ouvindo. A matriarca, então, expressa a sua própria opinião.

Tia Leonor, com o apoio da avó, sente-se livre para retomar sua vida, faz sua escolha e, finalmente torna-se dona do próprio umbigo. Ela rompe o cordão umbilical que a prendia à tradição patriarcal de sua família, alcançando sua emancipação. Nasce, então, uma nova Leonor, que, diferente da mãe, torna-se autônoma.

A personagem central, assim, volta-se contra a ordem preestabelecida. Ela muda o próprio destino que já estava determinado antes mesmo de seu nascimento, destino esse que deveria ser motivo de realização total para a mulher: marido, filhos, lar... A situação da mulher na tradição patriarcal exigia dela um comportamento de boa esposa, mãe e rainha do lar. Mas tia Leonor não se contentou em viver da forma que a sociedade queria, como um fantoche manipulado ou um troféu dentro de casa. Leonor queria realizar suas vontades, seus desejos e cortar as amarras que a prendiam a uma vida tradicional e sem perspectivas de mudanças. Rocha-Coutinho (1994) mostra como a mulher deveria comportar-se segundo à tradição falocêntrica:

[...] a mulher considerada verdadeiramente feminina, destinada a ser esposa e mãe, era aquela passiva sexualmente, embora terna e amorosa. Para ela o sexo deveria ser destinado quase que exclusivamente à procriação, e o desejo, coisa de homem e prostituta. (ROCHA-COUTINHO, 1994, p. 107)

Contudo, tia Leonor, que não era nem homem, nem prostituta, subverte a tradição patriarcal, atingindo a liberdade sexual ao realizar seu desejo, antes reprimido.

Considerações finais

As personagens femininas, do primeiro conto da obra *Mulheres de olhos grandes*, pertencem a gerações diferentes da mesma família. Todas foram criadas no mesmo contexto social e cultural de repressão à mulher, mas cada uma delas tomou rumos diferentes. A matriarca, apesar de ter sido a responsável pela separação dos primos e de representar a tradição patriarcal, conseguiu se emancipar adquirindo voz própria e consciente. O mesmo não podemos dizer de sua filha, tia Luisita, ela se mantém num mesmo patamar do início ao fim do conto. Seu estado de dependência total do marido e sua falta de autonomia fazem dela uma mulher-objeto, sem voz, presa às amarras da repressão de gênero. Quanto à personagem central do conto, tia Leonor, que mistura sensualidade, geralmente relacionada à mulher, e racionalidade, tradicionalmente relacionada ao homem, podemos afirmar que atinge sua emancipação ao subverter a herança cultural transmitida a

II Seminário Internacional de Língua, Literatura e Processos Culturais

ESPAÇO | TERRITÓRIO | REGIÃO

De 19 a 22 de maio de 2014 – Caxias do Sul/RS

ela por meio de seus antepassados. Através de uma tomada de consciência, Leonor adquire independência para fazer suas próprias escolhas.

Estas três representações do sujeito feminino que perpassam o texto: a avó que reprime e depois apoia os desejos da neta; a mãe – tia Luisita –, que não tem autonomia sobre a própria vida; e tia Leonor, que retoma o passado por meio do simbolismo das nêspas, subvertendo-o, são personagens de uma nova literatura. Literatura essa que não condena à morte ou à loucura a personagem feminina que desafia a sociedade e perturba a ordem patriarcal vigente, que retira a mulher de sua condição de mero objeto poético, dando-lhe o *status* de sujeito, de personagem central. A mulher sai da posição do outro, do estranho, de criatura mítica e passa a ter representada a sua busca por uma identidade própria e por uma voz independente. Sobre esse aspecto, Perrot (2001, p. 187) afirma que “o que importa reencontrar são as mulheres em ação, inovando em suas práticas, mulheres dotadas de vida, e não absolutamente como autômatas, mas criando elas mesmas o movimento da história”.

Essas personagens nos deixam um legado: Puebla, a cidade de vida tradicional não é mais a mesma depois da atitude de enfrentamento de tia Leonor e de sua avó, emblemáticas mulheres de olhos grandes.

Referências

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: fatos e mitos**. v. 1. Trad. Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

MASTRETTA, Ángeles. **Mulheres de olhos grandes**. Trad. de Rubia Prates Goldini. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

NAVARRO, Márcia. Por uma voz autônoma: o papel da mulher na história e na ficção latino-americana contemporânea. In.: _____. (Org.). **Rompendo o silêncio: gênero e literatura na América Latina**. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1995.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. Trad. de Denise Bottman. 3.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra Ltda, 2001.

ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. **Tecendo por trás dos panos: a mulher brasileira nas relações familiares**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

SCHMIDT, Rita Terezinha. Em busca da história não contada ou: o que acontece quando o objeto começa a falar? In.: INDURSKY, Freda; CAMPOS, Mariado Carmo. (Org.). **Discurso, memória, identidade**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2000.